

Natal em pleno verão

Christmas in midsummer

Pedro Serrano

Médico, especialista em Saúde Pública e Epidemiologia, presidente do Colégio da Especialidade de Saúde Pública da Ordem dos Médicos (2015-2017), colaborou ao longo de mais de uma quinzena de anos com o Ministério da Saúde de Portugal, a Fundação Calouste Gulbenkian e o Instituto de Higiene e Medicina Tropical, em países como Cabo Verde, Angola e Guiné-Bissau, no âmbito da Cooperação Internacional em Saúde.



Dei-o por barato aquela primeira vez: iria sair-me caro. Deixava o *Pão Quente*, um café com padaria onde todos os dias ia procurar pequeno-almoço e, apesar de estar em África, o tomava com idiossincrasias só possíveis em Portugal:

“Era uma carcaça com queijo flamengo e um UCAL de chocolate, fresco.”

“UCAL, já não tem.”

“Acabou? Então, traga-me um Sumol de ananás fresco.”

Mal saí a porta, vi-o pelo canto do olho, fingi que não e continuei a andar enquanto ele se punha ao meu lado, marchando ao meu ritmo como se fosse na minha companhia. Pedi uma moeda, quis saber se estava mesmo bom.

“Estava”, respondi sem mover a cabeça, “até que apareceu por aqui um mosquito...”

“Em Cabo Verde não há mosquitos”, respondeu prontamente, “costumava haver mas já não há.”

E foi-me bombardeando com frases bem-humoradas nos cem metros que me separavam do meu destino, de tal modo contente, inspirado e envolvente na insistência que, antes de entrar a porta, lhe dei os 100 escudos (cerca de 90 cêntimos de euro) que pedira no começo do percurso.

“Vais trabalhar, agora?”, perguntou.

“Vou”, respondi olhando-o de frente pela primeira vez. Era magro, alto, vestia roupa amarrotada, não cheirava como um anjo, e não teria mais de catorze ou quinze anos.

“Bom trabalho”, desejou dando meia-volta, “vemo-nos por aí...”

E vimos. No dia seguinte, pelas oito da manhã, quando saí do táxi à porta do *Pão Quente* encontrei-o, encostado à montra, vestindo, por cima da camisa amarrotada da véspera, um casaco vermelho de Pai Natal, orlado de pelinho branco e tudo.

“Então, meu amigo”, saudou-me com um grande sorriso, “vais tomar o pequeno-almoço antes de trabalhar?”

Depois confessou ainda não ter tomado o dele, que até se sentia mareado.

“Safas-te com isto?”, perguntei metendo a mão no bolso e estendendo-lhe 100 escudos.

“Claro”, agradeceu, os dentes todos expostos à magnífica luz da manhã e dando-me uma espécie de abraço conscientemente pouco apertado, como convém entre gente que se conhece pouco, “vemo-nos por aí...”.

À hora do meio-dia, no caminho para o *Casa Velha*, o restaurantezinho-tasca onde sempre almoçava, apareceu, saudando efusivamente do lado de lá da rua:

“Hoje não te vou pedir mais dinheiro, já me deste 100

paus de manhã”, disse mostrando ter uma ética pessoal, “só te peço que me ofereças um prato de arroz, não como nada desde manhã”.

Tínhamos chegado à porta do restaurante. Parei, convidei-o:

“Está bem, então pago-te o almoço”, e abri a porta, convidando-o a entrar à minha frente.

“Dá-me antes 300 paus”, propôs, “vou comer a outro sítio que conheço, a ti sai-te mais barato – esse restaurante onde vais é caro”.

Pegou nas moedas que lhe dei, tranquilizou-me:

“Não te preocupes, quando acabares de comer já estou aqui à tua espera.”

No dia seguinte não o vi de manhã à porta do *Pão Quente*, mas encontrei-o à hora do almoço, descalço e com ar preocupado.

“Descansa que não te vou pedir dinheiro, és meu amigo e tens-me dado de comer, só te peço se me ajudas a comprar umas havaianas. Fui à praia, tomar banho no mar e quando voltei tinham-mas levado...” E, olhando, desolado, para os pés, como se fosse vergonhoso andar assim pelo quadriculado quente do passeio:

“Olha só...”

“Quanto custam umas havaianas?”

“Podia arranjar umas por 300 paus nos chineses, mas são uma porcaria – iam desfazer-se logo, era o mesmo que não comprar nada”, respondeu pensando em alternativas válidas: “Por 600 escudos compro uma coisa boa”, concluiu, rápido.

Meti a mão ao bolso. Entre as abundantes notas de 2.000 e 1.000 escudos que lá tinha saquei discretamente uma nota de 500.

“Toma...”

“Não percebeste bem, eu disse 600.”

“Eu sei, mas não tenho mais que te possa dar.”

Pegou na nota e, num ápice, já estava no outro lado da rua, sossegando-me em voz sonora e satisfeita:

“Não te preocupes comigo, arranjo os 100 paus por aí!”

Já estava eu a dobrar a esquina com a Rua Andrade Corvo, apareceu-me, como caído pela chaminé do céu quente da tarde, para informar:

“Amanhã trago-te as havaianas novas, para veres que as comprei.”

De facto, na manhã seguinte, nem eram bem oito, lá estava encostado à montra do *Pão Quente*, sorridente e descalço, um saco de plástico azul-bebé a tiracolo, fazendo contraste com o vermelho intenso do casaco de Pai Natal.

“Amigo, olha”, recebeu-me com o sorriso resplandecente, e extraiu do saco um par de sapatilhas de lona de um belo azul-escuro e solas de borracha branca.

“Consegui-as por 500 paus e ainda mais isto”, esclareceu levantando as bainhas esfiapadas das calças e exibindo uma espécie de polainas em borracha, um produto com ar de acessório de surfista.

É o meu último dia na ilha de Santiago. Cheguei ao Plateau, a zona da cidade onde reina o meu jovem amigo, com a ideia de lhe tirar uma foto, saber-lhe o nome, confirmar a idade. Não o encontrei de manhã, mas, à hora do almoço, saído do nada, apareceu-me já eu ia em plena rua Miguel Bombarda, a rua do restaurante *Casa Velha*.

“Onde está o teu casaco de Pai Natal?”, inquiri algo desiludido, “gostava de tirar-te uma fotografia com ele”.

“Nunca uso casaco a esta hora, é muito calor! Só o uso para dormir no carro, e de manhã, quando ainda está frio.”

Depois reparou no blazer azul que eu trazia vestido, emendou a mão:

“Tu tens de usar sempre casaco, és um senhor de posição; mas eu não.”

E logo arranjou uma solução:

“Não te aflijas, vais trabalhar e, quando acabares, procura-me na montra do *Pão Quente*, vou estar lá e levo o casaco vestido.”

Quando, pelas três e meia da tarde cheguei à montra do café, vi-o sair de um Nissan estacionado na berma do passeio, um automóvel já sem pneus e vidros nas janelas, com o ar desolado dos carros abandonados.

“É ali que moras?”

Era. Antes de lhe tirar as fotografias perguntei-lhe a idade, o nome e, para que não me esquecesse, apontei-os num canto do cabeçalho do jornal que levava comigo. Ele seguiu atentamente a minha escrita, foi soletrando as letras à medida que eu as desenhava: o meu Pai Natal tem quinze anos e chama-se Nixon. Nixon Rodrigues Pedrigues, como fez menção que ficasse registado.

“Vou hoje embora, Nixon”, informei estendendo-lhe uma nota de 500 escudos.

Em Junho voltei a Cabo Verde, o Nissan continuava assapado sobre as jantes no mesmo sítio, mas de Nixon nem sinal nas consecutivas manhãs em que, antes de ir trabalhar, fui tomar o pequeno-almoço ao *Pão Quente*. Regressei a Portugal algo apreensivo pelo que poderia ter acontecido ao rapaz, o que, face ao seu contexto de vida, poderia não ter sido nada de bom. Na realidade, nesta realidade, que futuro espreita um rapazito abandonado pelos pais, vivendo à solta no meio de uma cidade, sem família ou escola que o amparem e ajudem minimamente a chegar a velho?

Em Setembro voltei à rua Andrade Corvo e ao meu pequeno almoço no *Pão Quente*, o mendigo sem metade de

uma perna a colecionar as moedas que eu dantes costumava dar ao Nixon. Para além do mais, o Nissan desaparecera da zona, o seu local fora preenchido por um jipe de rodas altas com ar de novo em folha.

Perguntei por ele às empregadas do café, que me responderam de cara fechada: a sua malandrice provocadora não é muito apreciada no estabelecimento. Mesmo assim, fiquei a saber que o Nixon é guineense, que os pais desembarcaram em Cabo Verde em busca de melhor vida, mas como nada conseguissem regressaram à Guiné, deixando o filho para trás, na rua.

“E que é feito dele agora”, quis saber, “costumava estar aqui todos os dias?” A rapariga da caixa encolheu os ombros perante a pergunta absurda, era como estar a perguntar-lhe por uma andorinha.

Ontem, às oito da manhã, tinha empurrado a porta do café para entrar quando ouvi um berro atirado às minhas costas:

“Amigo, amigo...”

Não olhei para trás, mas entrei no café com um sorriso e subi até ao primeiro andar onde me sentei numa das mesas que permitem uma vista ampla da rua. E lá andava o Nixon, a fingar os outros pedintes, a atirar pedidos a quem entrava no café, escorropichando um pacote de sumo e mancando, arrastando desgraçadamente uma perna quando se movia.

No fim do pequeno-almoço acrescentei à despesa um pacote de Compal tutti-frutti e saí para o tremendo calor matinal. Claro que estava à minha espera, um sorriso desenhado de orelha a orelha, um teclado inteiro faiscando na manhã.

“Amigo, ao tempo que não te via! Nunca mais apareces-te!”

“Eu?! Eu apareci, tu é que te sumiste”, dei por mim em explicações, estendendo-lhe o pacote do sumo.

Acompanhou-me rua fora. Cresceu; em seis meses ficou mais alto do que eu, tornou-se um rapaz bonito, de olhos grandes e vivos, umas orelhas bem destacadas da cabeça que lhe conferem personalidade ao perfil. Este tipo não passa fome, é nítido; é suficientemente habilidoso e competitivo para cuidar dessa parte sozinho.

“Que te aconteceu?”, perguntei, apontando o andar arrastado.

“Fui apunhalado.”

“O quê?!”, a minha expressão deve ter manifestado uma tão grande incredulidade que ele, prontamente, baixou as minhas já conhecidas calças de fato de treino e mostrou, a meio da coxa esquerda, uma ferida: um buraco fino com a espessura de um prego, mas fundo e onde o rosado da carne e de uma ferida ainda longe de fechar era

bem nítido.

“Apunhalaram-te como? Quem te apunhalou?”

“Uns gajos, com um arame, enfiaram-mo aqui!”

“Mas porquê?”

Encolheu os ombros, como se o motivo não interessasse, era coisa já deitada para trás das costas.

“E foste ao hospital tratar disso?”

“Sim, fui logo.”

“E que te fizeram lá?”, tentei perceber na minha deformação de médico para avaliar o risco que ainda poderia correr.

“Trataram a ferida, deram-me uma injeção contra a infeção.”

“Há quanto tempo foi isso?”, perguntei ainda para ajuizar se o incidente teria já ultrapassado a zona de incubação de um tétano.

“Há mais de quinze dias. Já estou quase bom, só me falta andar normal.”

E como se achasse que a conversa, o interesse em torno dele, estavam a ser excessivos, olhou para mim, que media os meus passos pelos seus, quis saber:

“E tu, como estás? Está tudo bem contigo, amigo? Agora vais trabalhar ali, não é?”

“Tudo bem comigo”, respondi estendendo-lhe a mão.

Por ali ficámos um momento, a balançar as mãos numa daquelas saudações à africana, longas, demoradas, em que se vai chocalhando e se mantém presa na nossa a mão do outro durante todo o tempo que dura a despedida, um sinal de apreço pela pessoa que encontrámos ou de quem nos vamos separar.

“Encontro-te por aí”, rematou virando as costas e, na sua ética muito pessoal, não pedindo nada, visto já lhe ter oferecido um presente nesse dia.

Virei as costas, indisposto em relação ao futuro daquele rapaz sem eira nem beira, que não tem uma alma que se interesse por ele de forma continuada. Para além disso, acumula a desvantagem de ser novo mas, infelizmente, não tão novo que possa ser olhado pelo caleidoscópio da criancinha ramelosa e faminta que estende os dedinhos trémulos à caridade. O Nixon não é rameloso, ranhoso, nem tem um ar famélico, mostra até um ar bem tratado, alegre e um tanto provocador - qualidades fatais num pedinte!

Assim, a frio, acho que aquele rapaz não tem hipótese, não vai ter onde cair morto quando chegar a hora dele; afinal ele é um malandro. Mas, definitivamente, não um malandro como outro qualquer.

Santiago, Cabo Verde, 2011